

## A SEMANA – 128

John Gledson

Mais um comentário literário, em meio às preparações para a inauguração da primeira presidência civil da República, que Machado comentará só na crônica seguinte. A figura central, porém, é um pouco mais polêmica, e sente-se que Machado tem dúvidas quanto ao seu valor. Com efeito, Carlos Dias tinha um lado erótico que (segundo alguns críticos) descambou mais tarde para a pornografia (ver a nota a seu respeito), e deduz-se que o cronista não só gostava pouco disto, como também concordava com o julgamento do júri da *Gazeta* a um livro de contos do autor, que era pouco original, digamos – “cuidei que era simples efeito de leitura”. O classicismo de *Cenários* é mais decadente que outra coisa, à moda do *fin-de-siècle*, de autores como Octave Mirbeau ou Joris-Karl Huysmans. É curioso que Machado o contraste com Hamerling, poeta austríaco, cujo livro, *Ahasver in Rom*, ele possuía: constitui uma das provas de que ele realmente lia bem alemão, língua que aprendera em 1883. Depois de um comentário sobre a mania dos países ricos de levar para os seus museus os tesouros da Antiguidade, saímos dela para “coisas velhas”: isto é, a guerra do Paraguai, que Machado toma várias vezes (junto com a Lei do Ventre Livre, de 1871), como o momento em que o próprio tempo mudou, em que “a brisa fresca e preguiçosa de outros anos” virou “este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade” (crônica de 24 de março de 1894).

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 170-174.



## A SEMANA

11 de novembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A antiguidade cerca-me por todos os lados. E não me dou mal com isso. Há nela um aroma que, ainda aplicado a coisas modernas, como que lhes troca a natureza. Os bandidos da atual Grécia, por exemplo, têm melhor sabor que os clavinoteiros da Bahia. Quando a gente lê que alguns sujeitos foram estripados na Tessália ou Maratona, não sabe se lê um jornal ou Plutarco.<sup>1</sup> Não sucede o mesmo com a comarca de Ilhéus. Os gatunos de Atenas levam o dinheiro e o relógio, mas em nome de Homero. Verdadeiramente não são furtos, são reminiscências clássicas.

Quinta-feira um telegrama de Londres noticiou que acabava de ser publicada uma versão inglesa da *Eneida*, por Gladstone.<sup>2</sup> Aqui há antigo e velho. Não é o caso do Sr. Zama, que, para escrever de capitães, foi buscá-los à antiguidade, e aqui no-los deu há duas semanas; o Sr. Zama é relativamente moço.<sup>3</sup> Gladstone é velho e teima em não envelhecer. É octogenário, podia contentar-se com a doce carreira de macróbio, e só vir à imprensa quando fosse para o cemitério. Não quer; nem ele, nem Verdi.<sup>4</sup> Um faz óperas, outro saiu do parlamento com uma catarata, operou a catarata e publicou a

---

<sup>1</sup> A Grécia era famosa por seus bandidos, que Machado já mencionara na sua última crônica de 1893, de 26 de novembro, que intitulou “Salteadores da Tessália”, quando a publicou em *Páginas recolhidas*; os clavinoteiros da Bahia já apareceram nas crônicas de 26 de junho e 3 de julho de 1892, e em 22 de julho de 1894.

<sup>2</sup> William Gladstone (1809-1898) fora operado de uma catarata em 24 de maio de 1894. A “tradução da *Eneida*” é um mistério, pois não há tal tradução. Gladstone foi classicista, grande admirador de Homero, e escreveu um livro bastante idiossincrático sobre as relações entre Homero e a Bíblia, mas nem gostava de Virgílio, que, bom Liberal que era, achava submisso demais ao imperador Augusto. O telegrama encontra-se n’*O Paiz* do dia 8 de novembro: “A imprensa inglesa aplaude a tradução da *Eneida* feita por Gladstone, que acaba de vir a lume”.

<sup>3</sup> César Zama (1837-1906) – nem tão moço assim, portanto – teve longa e controvertida carreira política, e Machado o menciona várias vezes em “Balas de Estalo”, e cinco vezes ao longo de “Bons Dias!” Foi abolicionista, e na República adversário ferrenho de Floriano Peixoto e de Rui Barbosa. Foi também autor: o livro a que Machado alude é *Os três grandes capitães da Antiguidade* (Aníbal, Júlio César, e Alexandre Magno), publicado em 1894.

<sup>4</sup> Giuseppe Verdi (1813-1901) estreara sua última ópera, *Falstaff*, em 1893.

*Eneida* em inglês, para mostrar aos ingleses como Virgílio escreveria em inglês, se fosse inglês. E não será inglês Virgílio?

Como se não bastasse essa revivescência antiga, e mais o livro do Sr. Zama, aparece-me Carlos Dias com os *Cenários*, um banho enorme de antiguidade.<sup>5</sup> Já é bom que um livro responda ao título, e é o caso deste, em que os cenários são cenários, sem ponta de drama, ou raramente. Que levou este moço de vinte anos ao gosto da antiguidade? Diz ele, na página última, que foi uma mulher; eu, antes de ler a última página, cuidei que era simples efeito de leitura, com extraordinária tendência natural. Leconte de Lisle e Flaubert lhe terão dado a ocasião de ir às grandezas mortas, e a *Profissão de Fé*, no desdém dos modernos, faz lembrar o soneto do poeta romântico.<sup>6</sup>

Mas não se trata aqui da antiguidade simples, heróica ou trágica, tal como a achamos nas páginas de Homero ou Sófocles. A antiguidade que este moço de talento prefere, é a complicada, requintada ou decadente, os grandes quadros de luxo e de luxúria, o enorme, o assombroso, o babilônico. Há muitas mulheres neste livro, e de toda casta, e de vária forma. Pede-lhe vigor, pede-lhe calor e colorido, achá-los-ás. Não lhe peças, – ao seu Nero, por exemplo, – a filosofia em que Hamerling envolve a vida e a morte do imperador.<sup>7</sup> Este grande poeta deu à farta daqueles quadros lascivos ou terríveis, em que a sua imaginação se compraz; mas, corre por todo o poema um fluido interior, e a ironia final do César sai de envolta com o sentimento da realidade última: “O desejo da morte acabou a minha insaciável sede da vida.”

Ao fechar o livro dos *Cenários*, disse comigo: “Bem, a antiguidade acabou.” – “Não acabou, bradou um jornal; aqui está uma nova descoberta, uma coleção recente de papiros gregos. Já estão discriminados cinco mil.” – “Cinco mil!” pulei eu. E o jornal, com bonomia: “Cinco mil, por ora; dizem coisas interessantes da vida comum dos

---

<sup>5</sup> Carlos Malheiro Dias (1875-1941), autor de dupla nacionalidade, portuguesa e brasileira, nascido no Porto, vivia no Brasil na época, e foi um dos autores publicados do concurso de contos promovido pela *Gazeta* durante a Revolta da Armada. Seu conto, “Laís”, mais tarde publicado no livro *Cenários: fantasia sobre a história antiga*, que Machado louva aqui, embora com restrições, foi quase acusado de plágio nos comentários do júri, de que Machado fazia parte, com Sílvio Romero entre outros. Para mais detalhes, ver a nota às p. 40-41 do Volume III da *Correspondência de Machado de Assis*, de 9 de março de 1894, onde se recolhe uma carta de Malheiro Dias a Machado, defendendo-se dessa acusação. No ano seguinte, 1895, publicaria o romance naturalista *A mulata*, muito polêmico. Suscitou tantos ataques que Malheiro Dias teve de fugir para Portugal; ver “O caso d’A Mulata”, de Brito Broca, em *Machado de Assis e a política* (São Paulo: Polis, 1983), p. 153-56.

<sup>6</sup> Leconte de Lisle (1818-1894), líder do movimento parnasiano francês, recorreu muito ao mundo clássico nos seus poemas; Gustave Flaubert (1821-1880), mais famoso pelo realismo de *Madame Bovary*, escreveu *Salammô* (1862), passado em Cartago no terceiro século a.C. “Profissão de fé”, parece claro, é o poema de abertura do livro *Poesias* de Olavo Bilac, de 1888, uma espécie de manifesto do parnasianismo: rejeitou o “bando feroz” dos bárbaros. Não soubemos identificar o “soneto do poeta romântico” – será um poema famoso que também desdenha os modernos?

<sup>7</sup> Robert Hamerling (1830-1889), poeta austríaco, cujo poema mais popular, *Ahasver in Rom* (Ahasverus em Roma) (1866), tem como figura central o imperador Nero. Machado tinha um exemplar na sua biblioteca, em alemão: *Ahasver in Rom: eine Dichtung in sechs Gesängen* (Hamburg, 1885).

gregos, há entre eles uma paródia da *Ilíada*, uma novela, explicações de um discurso de Demóstenes... Pertence tudo ao museu de Berlim.”<sup>8</sup>

– Basta, é muita antiguidade; venhamos aos modernos.

– Perdão, acudiu outra folha, a França também descobriu agora alguma coisa para competir com a rival germânica; achou em Delos duas estátuas de Apolo. Mais Apolos. Puro mármore. Achou também paredes de casas antigas, cuja pintura parece de ontem. Os assuntos são mitológicos ou domésticos, e servem...

– Basta!

– Não basta; Babilônia também é gente, insinua uma gazeta; Babilônia, em que tanta coisa se tem descoberto, revelou agora uma vasta sala atulhada de retábulos inscritos... Coisas preciosas! Já estão com a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos da América. Sim; não é à toa que estes americanos são ingleses de origem. Têm o gosto da antiguidade; e, como inventam telefone e outros milagres, podem pagar caro essas relíquias. Há ainda...

Sacudi fora os jornais e cheguei à janela. A antiguidade é boa, mas é preciso descansar um pouco e respirar ares modernos. Reconheci então que tudo hoje me anda impregnado do antigo, e que, por mais que busque o vivo e o moderno, o antigo é que me cai nas mãos. Quando não é o antigo, é o velho, Gladstone substitui Virgílio. A comissão uruguaia que aí está, trazendo medalhas comemorativas da campanha do Paraguai, não sendo propriamente antiga, fala de coisas velhas aos moços.<sup>9</sup> Campanha do Paraguai! Mas então, houve alguma campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai? Os que já forem entrados na história e na geografia, poderão descrever essa guerra, quase tão bem como a de Jugurta.<sup>10</sup> Faltar-lhes-á, porém, a sensação do tempo.

Oh! a sensação do tempo! A vista dos soldados que entravam e saíam, de semana em semana, de mês em mês, a ânsia das notícias, a leitura dos feitos heróicos, trazidos de repente por um pacote ou um transporte de guerra... Não tínhamos ainda este cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves.<sup>11</sup> Naquele tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e feridos, número de prisioneiros, nomes dos heróis do dia, as próprias partes oficiais. Uma vida intensa de cinco anos. Já lá vai um

---

<sup>8</sup> Não localizei as notícias sobre estas descobertas etc., todas sem dúvida autênticas. Um reparo: falando de Babilônia, Machado deve se referir, não a “retábulos” (parte de um altar de igreja, de que dificilmente se atulharia uma sala, por vasta que fosse), mas às famosas *tabuletas* de cera em que se inscreviam os caracteres cuneiformes. Erro de Machado e/ou do jornal citado?

<sup>9</sup> No mesmo dia da crônica, 11 novembro, a *Gazeta* descreve a entrega, pela comissão uruguaia, destas medalhas das comemorações da aliança entre os dois países na Guerra do Paraguai.

<sup>10</sup> Na Guerra de Jugurta (112-106 a.C.) a República romana derrotou este rei berbere, momento importante na conquista do norte da África. O historiador da guerra, no *Bellum Iugurthinum*, foi Salústio (86-34 a.C.). Também é o assunto de duas das *Vidas* de Plutarco, as de Mário e Sila.

<sup>11</sup> O telégrafo submarino chegou ao Brasil em 1875.

quarto de século. Os que ainda mamavam quando Osório ganhava a grande batalha, podem aplaudi-lo amanhã revivido no bronze,<sup>12</sup> mas não terão o sentimento exato daqueles dias...



---

<sup>12</sup> Na segunda-feira, dia 12 de novembro, inaugurou-se, com grande cerimônia, a estátua do general Osório, de Rodolfo Bernardelli, na praça XV de Novembro.